

Banda Sinfónica de Alcobaca e Maat Saxophone Quartet

Rui Carreira, direção musical

25/07 sáb 21h30

Mosteiro de Alcobaca · Cerca

Programa

Manuel de Falla (1876–1946)

Suite n.º1 do bailado El Sombrero de tres picos, Trans. Julio

Domingo

Introducción

Mediodía

Danza de la molinera

El Corregidor

Danza de la molinera (reprise)

Las uvas

Johan de Meij (1953–)

MAATWERK

I. Opmaat

II. Maatwerk

III. Maat voor Maat – Meno mosso

IV. Maatvast – Toccata

V. Maatsoort – Andante

VI. Jatwerk – Andante maestoso

VII. Mateloos

VIII. Met Mate – Con moto – Tempo di Jig

XIX. Overmaat – Finale – Allegro molto

X. Maatwerk – Reprise

Carlos Filipe Cruz (1984–)

*Correntes**

Guillermo Lago (1960–)

Ciudades

I. Córdoba

II. Sarajevo (Bosnia & Herzegovina)

III. Addis Ababa

**Estreia absoluta · Encomenda de ABA - Banda de Alcobaca Associação de Artes*

Ficha artística

Rui Carreira, *direção musical*

Maat Saxophone Quartet

Daniel Ferreira, *saxofone soprano*

Catarina Gomes, *saxofone alto*

Pedro Silva, *saxofone tenor*

Mafalda Oliveira, *saxofone barítono*

Organização



Apoio



Com o apoio de:



Parceria estratégica



Parceria institucional



Parceiros media



Membro de



Agraciado por



É expressamente proibida a captação de imagens e som durante o espetáculo.
Desligue o telemóvel, desfrute e grave na sua memória.
Poderá rever os melhores momentos no website e nas redes sociais Cistermúsica.

Notas de programa

Suite n.º1 do bailado El Sombrero de tres picos

A obra *El Sombrero de tres picos* estreou-se no Teatro Eslava, em Madrid, a 7 de abril de 1917, e, enquanto ballet, a partitura de Falla foi dançada pela primeira vez no Teatro Alhambra, em Londres, a 22 de julho de 1919, sob a direção de Ernest Ansermet. Tal como aconteceu com os balés de Stravinski, *El Sombrero de tres picos* foi apresentado por uma verdadeira constelação de estrelas.

Os cenários foram criados por Pablo Picasso, a coreografia foi da autoria de Leonid Massine e os papéis principais do ballet foram interpretados pelo próprio Massine e por Tamara Karsavina. A estreia do ballet *El Sombrero de tres picos* foi um grande sucesso sendo bem recebido pelo público e pela crítica.

Biografias



Rui Carreira

Natural de Leiria, começou a estudar direção coral com Eli Camargo em 1990. Posteriormente teve aulas de técnicas de ensaio e direção coral com o maestro Edgar Saramago e frequentou vários cursos internacionais de direção coral sob orientação dos maestros Lluís Virgili, Montserrat Rios, Maite Oca, Josep Ramon Gil, Ger Hovius, John Ross, Vianey da Cruz, Alain Langrée e Hübert

Velten. Frequentou, de 1999 a 2004, o Curso de Direção de Orquestra de Dijon (França) e, de 2004 a 2007, os Estágios Internacionais de Direção de Orquestra de Leiria, ambos sob orientação do Maestro Jean-Sébastien Béreau.

Fundou e dirigiu o Coro da Casa de Pessoal do Hospital de Santo André e o CcC (Coro de Câmara Colliponensis), ambos de Leiria. Dirigiu os Corais Misto e Masculino do Orfeão de Leiria assim como o Coro de Câmara da Escola de Música do Orfeão de Leiria. Além dos *workshops* de Páscoa e de verão para Sopros e Percussão da Orquestra Metropolitana de Lisboa (OML), dirigiu vários concertos com diferentes formações instrumentais da OML. Dirigiu o X e XI Cursos promovidos pela Federação de Bandas do Distrito de Leiria e INATEL. Foi convidado a dirigir o 1.º Estágio de Orquestra de Sopros e Percussão, em Ponta Delgada, o Festival de Bandas Filarmónicas e Curso de Direção de Orquestra de Porto Judeu – Terceira, o VIII Estágio de Orquestra, da Ourearte – Ourém, assim como a Orquestra das II Férias Artísticas do Município de Tábua. Colaborou com o maestro J. S. Béreau na Direção da Orquestra Sinfónica de Leiria.

Dirigiu em concerto, no âmbito do Mestrado em Direção de Orquestras de Sopro, as Bandas Sinfónicas da PSP, da GNR e do Exército, sob a orientação, respetivamente, dos maestros F. Hauswirth, J. S. Béreau e M. Fennell. Dirigiu o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa estreando obras de três compositores portugueses. Atualmente dirige a Banda Sinfónica de Alcobça. Na Academia de Música de Alcobça é professor das Classes de Naípe e Orquestra dos Cursos Profissionais de Música e dirige a Orquestra de Sopros.

Correntes

Correntes nasce do encontro entre forças que fluem e forças que prendem. É uma peça que se move entre dois impulsos: o desejo de integrar uma noção de estilo e a inevitabilidade de ser impelido para outra. Mesmo quando contida, a música aqui apresentada procura revelar a tensão entre liberdade e contenção, entre impulso e resistência. No centro da obra está a ideia de que nenhuma corrente é apenas prisão ou apenas movimento: é sempre ambas. É nesse paradoxo que *Correntes* encontra a sua força poética.



Banda de Alcobça / Banda Sinfónica de Alcobça

A Banda de Alcobça teve, na sua origem, um agrupamento musical composto apenas por instrumentos de metal, a Fanfarra Alcobacense (1900 a 1912), tendo

alcançado um alto nível artístico-musical que lhe valeu o honroso título de Real Fanfarra Alcobacense, concedido pelo rei D. Carlos e pela rainha Dona Amélia. Após a extinção da Real Fanfarra Alcobacense, a 19 de março de 1920 é fundada a Banda de Alcobça que durante quase 40 anos de atividade atua em todo o território nacional. Depois de um interregno de 28 anos, ressurgiu em novembro de 1985, graças ao empenho de um grupo de alcobacenses que, para o efeito, criou uma escola de música, cujos frutos levam à sua afirmação no panorama musical português, não só pela qualidade dos seus jovens músicos, mas também devido ao repertório executado, mais próximo de uma orquestra de sopros ou mesmo de uma banda sinfónica do que de uma banda filarmónica tradicional. Foi, por isso, natural a evolução para uma banda de concertos, totalmente assumida pela recente designação Banda Sinfónica de Alcobça, explorando o repertório específico para este tipo de formação, por um lado, e apostando em obras de compositores portugueses contemporâneos, por outro.

Nos últimos anos, a participação em concursos nacionais e internacionais, onde foi premiada por diversas ocasiões, consolidou a evolução artística do seu corpo musical, composto por alunos avançados da Academia de Música de Alcobça (a componente pedagógica é um dos seus principais objetivos), alunos dos cursos superiores de música e ainda músicos amadores que, através deste agrupamento, mantêm uma forte ligação à música. Uma outra vertente fundamental da sua atividade recente é a gravação de obras de referência para banda de concertos, tendo a Banda Sinfónica de Alcobça editado até ao momento quatro discos, os últimos dos quais com a participação de vários solistas, alguns deles de referência nacional e internacional, que iniciaram os seus estudos musicais na própria Banda de Alcobça. São de salientar ainda as participações no Cistermúsica – Festival de Música de Alcobça, onde tem apresentado concertos temáticos com assistências bastantes significativas para este tipo de agrupamento. A BSA tem o apoio da DGArtes.



© Marco Borggreve

Maat Saxophone Quartet

O Maat Saxophone Quartet (Maat) é um grupo que apresenta música inovadora e que conta histórias que emocionam. Pensam, tocam e criam fora dos limites do quarteto de saxofones clássico.

Nos seus programas, a música cruza-se com outras formas de arte e o público é convidado a refletir sobre temas atuais. Com programas inovadores, nos quais a música se funde com outras formas de arte, o Maat cria espaço para temas urgentes. Formado por quatro músicos portugueses a viver nos Países Baixos, o Maat fala uma só linguagem musical e cria pontes entre duas culturas.

O Maat é vencedor do prestigiado Prémio Jovens Músicos (2018), e do concurso de música clássica holandês Dutch Classical Talent Award (2022). Na temporada 2025/2026, o Maat está nomeado como ECHO Rising Star pela Philharmonie de Paris, pela Fundação Gulbenkian e pela Casa da Música.

Numa tentativa de dar voz à sua geração, o Maat colabora regularmente com jovens artistas de diferentes disciplinas e origens. Já encomendou mais de 20 novas obras a composi-

tores e colabora com instituições de destaque no panorama cultural holandês e português, incluindo a AYA Dance Theatre, a Oorkaan e a Artway.

Em 2020 lançaram o seu CD de estreia, *Ciudades*, sobre o qual a revista holandesa De Luister escreveu que “podemos ser breves acerca da interpretação do Maat: promissora, diabolicamente boa e contagiosa em todas as obras.” Em 2023 lançaram o segundo CD, *Renascer*, com o guitarrista português António Carlos Costa, onde combinam Fado com música contemporânea. Ambos os discos foram editados pela 7 Mountain Records Amsterdam.

Na temporada 2023/2024 estrearam a sua própria produção multidisciplinar, *No one is too small*, sobre as alterações climáticas, que em 2023 foi nomeada pela GlevérID como um dos melhores “espetáculos verdes” nos Países Baixos. Em 2024 lançam o seu terceiro CD, *No one is too small*, pela 7 Mountain Records.

O Maat procura reinventar o quarteto de saxofones e apresentá-lo nas mais diversas formações e géneros. A temporada 2025/2026 representa um marco importante: o Maat estreia-se nas principais salas de concerto da Europa durante a digressão ECHO Rising Stars, apresenta internacionalmente a ópera virtual *Metamorphosis* e realiza uma digressão pelo Brasil. Em maio de 2026 fez a estreia mundial de *MAATWERK*, uma nova obra de Johan de Meij para quarteto de saxofones e orquestra de sopros, e irá criar uma nova produção infantil em colaboração com a Philharmonie Luxembourg.